

A ESCOLA FALA MUITO DA GENTE, MAS NÃO FALA COM A GENTE

MOVIMENTOS CULTURAIS COM JOVENS
EM CONTEXTOS EMPOBRECIDOS



FLÁVIO GONÇALVES
RENATA SIMÕES

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Autoria: Flávio Gonçalves de Oliveira e Renata Duarte Simões (orientadora).

Nível de ensino a que se destina o produto: Educação Básica.

Área de conhecimento: Educação.

Público-alvo: Professores da Educação Básica.

Categoria deste produto: Desenvolvimento de *e-book* destinado à Educação Básica.

Finalidade: Auxiliar professores do ensino fundamental II e do ensino médio na elaboração de práticas educativas com adolescentes e jovens.

Organização do Produto: O produto está organizado em dez seções com vistas a sintetizar os objetivos, metodologia, conceitos teórico-epistemológicos da pesquisa e a apresentar as intervenções pedagógico-educativas referentes à temática investigada.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

Disponibilidade: Irrestrita, desde que mantendo os direitos autorais, a citação da fonte e a não comercialização parcial ou integral por terceiros.

Divulgação: Digital e/ou impresso.

URL: Página do PPGMPE: www.educacao.ufes.br

Processo de Validação: Validado na banca de defesa da dissertação.

Processo de Aplicação: Aplicado durante o desenvolvimento de pesquisa realizada para o Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, por meio de atividades culturais desenvolvidas com jovens estudantes, em uma escola pública estadual localizada no município de Cariacica/ES.

Impacto: Alto. Produto elaborado a partir de problemáticas compartilhadas pelos jovens participantes e fundamentado nas vivências juvenis em contextos empobrecidos, inclusive os escolares.

Inovação: Alto teor inovativo, uma vez que trabalha com problemáticas particulares de um grupo de jovens, lida com situações específicas desse coletivo e que não foram mencionadas em nenhum outro material pedagógico.

Origem do Produto: Dissertação intitulada *Culturas juvenis e educação escolarizada: movimentos culturais com jovens em contextos empobrecidos*.



A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que se toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (BONDÍA, 2002, p. 21).

[...] a experiência vivida é matéria-prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura, aqui entendida enquanto conjunto de crenças, valores, visão de mundo, rede de significados: expressões simbólicas da inserção dos indivíduos em determinado nível da totalidade social, que terminam por definir a própria natureza humana (DAYRELL, 2008, p. 140-141).

UM POUCO DE NÓS E DAQUILO QUE FAZEMOS



Flávio Gonçalves de Oliveira é licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes, 2009); possui especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (Ufes, 2017) e é mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Ufes. Atualmente é professor de Filosofia na rede municipal de Cariacica, no colégio Castro Alves em Cariacica e na Escola SEB, em Vila Velha. Integra o Grupo de Estudos em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (Lagebes/Ufes).

Renata Duarte Simões é professora adjunta no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (DLCE/Ufes) e do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE/Ufes); mestra em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP, 2005); doutora em História da Educação e Historiografia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp, 2009) e pós-doutora em História da Educação e Historiografia pela Feusp (2013).



SUMÁRIO

- 05** INTRODUÇÃO
- 13** OBJETIVOS
- 14** CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS
- 18** JUVENTUDES, POBREZA E EDUCAÇÃO
- 41** OUTROS SUJEITOS, OUTRAS PEDAGOGIAS
- 45** UMA PEDAGOGIA DAS JUVENTUDES
- 50** POR QUE MOVIMENTOS CULTURAIS?
- 54** SÍNTESE DO PERCURSO FEITO
- 55** COMPOSIÇÕES JUVENIS NA CENA ESCOLAR
- 97** PARA NÃO CONCLUIR
- 103** REFERÊNCIAS
- 108** APÊNDICE A
- 115** APÊNDICE B

INTRODUÇÃO

[...] mano, tipo assim: a escola fala muito da gente, mas não fala com a gente; tem muita diferença, tá ligado? A gente tem pouca participação, entende? (X., 2023).

A *pesquisa-ação* que fundamenta este produto educacional dialoga com jovens inseridos em contextos escolares empobrecidos a partir das vivências constituídas nos espaços/tempos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Saturnino Rangel Mauro, localizada no município de Cariacica/ES. Trata-se de um trabalho desenvolvido para o Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE), vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Ao dialogarmos com as juventudes, na perspectiva dos sujeitos da pesquisa, entramos em contato com diferentes problemáticas (violências, racismo, segregação socioespacial, experiências precarizadas e insalubres com o trabalho, entre outras) que atravessam as juventudes contemporâneas, sobretudo a parcela empobrecida, mas essas problemáticas não são efetivamente discutidas nos espaços/tempos escolares.



Percebemos um sintomático distanciamento entre a escola e as expectativas dos jovens, esvaziando o sentido presente da escolarização para esses sujeitos. Embora esses jovens reconheçam a importância da escola em suas vidas, o caráter institucional engessado e os aparatos burocráticos contrastam com as sociabilidades juvenis, que são fluidas e dinâmicas.

A escolarização, compreendida apenas pela dimensão institucional, reduz as juventudes que transitam na escola à condição de alunos/as, matriculados/as em determinada série e/ou etapa, desconsiderando, em larga medida, as particularidades e as problemáticas inerentes à condição juvenil que ocupam os espaços/tempos com a presença dos jovens nesses lugares. Esses sujeitos tensionam os padrões hegemônicos da cultura escolar tradicional, confrontando os lugares institucionais da obrigação e da norma e aqueles construídos por eles próprios por meio de ritos e símbolos singulares (Dayrell, 2007).

O modelo escolar vigente não faz sentido para os jovens, pois continua insistindo na ideia de valorização do estudo como promessa futura, esquecendo-se dos dilemas reais vividos por esses sujeitos (Dayrell, 2009).





Acerca dos jovens empobrecidos, acreditamos que essa contradição é ainda maior e mais complexa, pois há uma inclinação em negar as particularidades de suas vivências e em compreender seus modos como sinônimo de carência moral ou na perspectiva caritativa e assistencialista. Assim, percebemos uma tendência ao silenciamento e à invisibilização das representações de realidade elaboradas pelas juventudes atravessadas por contextos empobrecidos e precarizados.

Partindo da concepção de que juventude é uma experiência, um modo próprio de ser sujeito perpassado por diferentes variáveis (gênero, raça, classe), entendemos que ser jovem empobrecido é um dos atravessamentos que impactam as juventudes, negando-lhes as condições necessárias para que as/os marcados por essa “chaga social” organizem suas vidas em liberdade e autonomia. Acreditamos que esses sujeitos têm o direito de conhecer as estruturas sociais que os empobrecem e os mantêm nesse lugar, o que nos faz defender a urgência do debate sobre tal problemática nos espaços/tempos escolares.

Como a escola dialoga com os modos particulares com que os jovens compreendem e vivenciam a condição juvenil?

Além disso, as juventudes que se constituem a partir de direitos negados ou negligenciados, que enfrentam diferentes facetas de violências que as fragilizam e deixam incertos os horizontes futuros têm muito a nos dizer e, sobretudo, a nos ensinar. Seus saberes interrogam a docência e levam a pensar outras possibilidades educativas que afirmem seus modos de vida, sem sentenças prévias e juízos generalizantes.

Os escritos de Miguel Arroyo têm nos inspirado a olhar para as experiências produzidas pelos coletivos empobrecidos e enxergar nelas possibilidades para afirmarmos “outras pedagogias”. Entendemos que as juventudes que vivem a condição juvenil atravessada pela pobreza e extrema pobreza demandam essas “outras pedagogias”, quando enfrentam múltiplas facetas de precarização da vida ou quando nelas acumulam marcadores de exclusão que reproduzem e ampliam os processos de segregação. Esses corpos-sujeitos estão na escola com suas problemáticas e dilemas e a escolarização, em larga medida, tem se distanciado dos modos de vida que lhe são característicos, esvaziando-se de sentido e reforçando as imagens estereotipadas que, historicamente, foram construídas sobre esses sujeitos.





A exclusão, a seletividade e o elitismo que estão enraizados na trajetória da escola pública brasileira, como nos atesta Cararo (2015), contribuem para a manutenção das desigualdades sociais e produzem novas formas de segregação. Duarte e Yannoullas (2011) falam que a concepção (inclusive o formato) de escola predominante em nossos arranjos sociais é epistemologicamente cega perante a situação de pobreza, invisibilizando as reais problemáticas que atravessam os sujeitos. Os jovens empobrecidos, ao se depararem com essas estruturas fixadas no modelo de escolarização, não se percebem como parte integrante de um movimento presente, compreendendo essa etapa como possibilidade de melhoria futura.

Como nos contextos empobrecidos e precarizados, o futuro é incerto e distante, o sentido presente da escolarização se esvazia e se perde, justamente, por não confrontar as situações sociais cotidianas que negam às juventudes outras possibilidades de ser e existir. A permanência dessa opção-postura contribui para o silenciamento e a invisibilização dos saberes e conhecimentos que brotam das vivências com a pobreza e a precarização, prevalecendo a concepção de jovem pobre como “risco social”.

Na contraposição dessa lógica, apostamos, durante a pesquisa, no reconhecimento dos jovens empobrecidos como sujeitos sociais (Dayrell, 2003) e na afirmação de suas experiências como lugares de conhecimento. Conduzidos pela escuta sensível e empática, aproximamo-nos das problemáticas compartilhadas, compondo movimentos que reinventem outras estratégias de diálogo com os jovens. Isso significa reconhecer que a escola é o lugar onde novos saberes e conhecimentos são elaborados, mas, também, ambiente potencializador de diferentes expressões, vivências e identidades, o que possibilita a apropriação pelos jovens estudantes de modo a ganhar novos sentidos (Dayrell, 2007).

Movidos por essas (e outras) inquietações, adentramos os espaços/tempos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Saturnino Rangel Mauro, localizada no bairro Nova Rosa da Penha, em Cariacica/ES, visando a dialogar com os modos particulares de compreender e vivenciar a condição juvenil em contextos empobrecidos. A unidade escolar é o tempo e o lugar do encontro com os jovens, constituindo-se, assim, em um espaço fértil para o compartilhamento de vivências, saberes e representações.

Que espaços são constituídos, na escola, visando a efetiva participação juvenil nos processos escolares?



Muito além de “alunos”, os colaboradores desta pesquisa são sujeitos com um arcabouço de experiências específicas que se apresentam nesse momento da vida. Embora apontem para traços comuns às juventudes contemporâneas, esses sujeitos possuem suas próprias representações de realidade e seus modos particulares de se compreenderem no mundo.

Graças ao caráter dialógico que assumimos, elaboramos experiências forjadas/inventadas na relação direta com os sujeitos e nas possibilidades que foram se desenhando no cotidiano vivido. Dayrell (1996) concebe a escola como lugar dinâmico (re)construído, diariamente, por diversas mãos/ações (homens, mulheres, negros, brancos, trabalhadores, adolescentes, jovens, crianças, estudantes e professores/as) de seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, portanto, um espaço/tempo sociocultural.

Essa constatação nos leva a pensar a escola como tempo e lugar de encontro de diferentes juventudes, de diversos saberes e experiências, logo, um espaço sociocultural. Apoiados nessa concepção, construímos experiências dialógicas, nos espaços/tempos da pesquisa, que denominamos movimentos culturais, privilegiando conhecimentos e saberes próprios dos jovens e partindo das vivências compartilhadas no percurso da pesquisa.



Os movimentos culturais fundamentam-se na compreensão de que os jovens são sujeitos atuantes no mundo, capazes de reinventar-se e apontar para novos modos de interpretar a realidade. Esses movimentos culturais, portanto, são experiências vivenciadas com os jovens no campo da pesquisa, constituídas a partir das provocações e problemáticas que esses sujeitos evidenciam em suas falas, gestos, comportamentos e até mesmo na postura silenciosa ou pelo suposto “desinteresse”, tantas vezes evocado como um dos grandes entraves na relação da escola com as juventudes que nela transitam.

Nesse sentido, nosso produto educacional sistematiza as experiências vividas em campo e as estratégias de intervenção-ação realizadas com os movimentos culturais. Além disso, tal instrumento serve para compartilhar os aprendizados que foram possíveis com o público que se interessa pela temática e inspirar outras iniciativas no âmbito da prática docente voltadas para a escolarização de jovens. Nesse recurso, retomamos alguns caminhos percorridos durante a pesquisa, evidenciando as principais concepções teórico-epistemológicas que nos direcionam, a metodologia adotada na constituição dos movimentos culturais e, finalmente, a intervenção-ação elaborada com os jovens nos espaços/tempos da escola Saturnino Rangel Mauro.



OBJETIVOS

1

Compor movimentos culturais com os jovens, no intuito de dialogar com as expressões de culturas juvenis que transitam na escola e problematizar as compreensões que esses sujeitos têm de si mesmos, das vivências com a pobreza e do sentido da escolarização.

2

Compreender como a educação vem pensando as juventudes empobrecidas que estão na escola e como tem sido o diálogo com os contextos de vida que atravessam esses sujeitos.

3

Identificar os principais entraves que vêm impedindo o diálogo entre a escola e os jovens, visando à composição de práticas mais próximas das problemáticas vivenciadas pelas juventudes e das sociabilidades juvenis.

4

Fomentar o debate sobre juventudes, educação e pobreza nos espaços/tempos escolarizados, visando ao enfrentamento das realidades empobrecidas que atravessam os jovens em contextos de desigualdades e precarização da vida.



CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Na construção de toda a pesquisa, dialogamos (e nos envolvemos) com jovens situados em um contexto concreto, ávidos por viver, criativos, cheios de sonhos e expectativas; são estudantes que almejam conquistas pessoais e profissionais, muitas vezes relacionadas com o ingresso na universidade e a conclusão de um curso superior; são seres humanos afetados por estruturas sociais injustas que dificultam e até impedem parte dessas realizações.

Ao definirmos a metodologia para este trabalho, partimos do compromisso de dialogar com as vivências constitutivas dos sujeitos que dele participam. Assim, tivemos o cuidado de compor uma pesquisa engajada no e com os cotidianos experimentados a cada etapa vivida, sobretudo no campo de investigação, celeiro, por excelência, das experiências compartilhadas.

Fenômenos humanos, ao contrário dos naturais, não podem ser descritos ou explicados somente com bases em características objetiváveis (Santos, 1995).





Na metodologia, além dos aspectos pertinentes à produção científica do conhecimento, consideramos o universo vivencial dos jovens, seus modos de vida e a pluralidade das vivências que esses sujeitos levam para os espaços/tempos escolares. Destacamos, também, a necessidade de procedimentos que respondam à proposta do Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Espírito, que prevê, como um dos critérios para a pesquisa, a construção de ações que intervenham na realidade pesquisada.

Assim, nosso trabalho fundamenta-se nos pressupostos da *pesquisa qualitativa*, uma vez que não temos a pretensão de explicar a realidade sim traduzir sentidos, experiências e vivências compartilhadas em campo. Tal como Melucci (2005), Amaral (2011), Bauer e Gaskell (2008) e Minayo (2001), entendemos que, dessa forma, podemos conhecer a maneira como os sujeitos se relacionam e significam seus cotidianos.

A pesquisa qualitativa permite perceber dimensões da vida social e cultural dos jovens, pois traz à tona dados subjetivos presentes em falas e interações (Gatti; André, 2010) e, nesse movimento, possibilita compreender o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes que compõem as sociabilidades desses sujeitos e se manifestam nas diferentes expressões de culturas juvenis que estão presentes na escola.



Na composição das intervenções realizadas com os jovens, adotamos os procedimentos da *pesquisa-ação*, fundamentada essencialmente no diálogo contínuo entre os participantes, almejando a construção coletiva de possibilidades de transformação da realidade.

Apropriando-nos das contribuições de Barbier (2004), Thiollent (2009) e Trip (2005), entendemos que a pesquisa-ação potencializa a comunicação e a interação entre diferentes sujeitos, em uma perspectiva de reconhecimento mútuo, de respeito aos saberes, conhecimentos do outro e de cooperação solidária na busca por respostas às questões que emergem da realidade em investigação.

Os diálogos tecidos com os jovens são possibilidades emancipatórias, ao provocarem nesses coletivos reflexão acerca das problemáticas que perpassam suas experiências de vida, produzindo outros deslocamentos nos espaços/tempos da escola, desestabilizando as práticas já dadas e desencadeando olhares possíveis para a questão investigada.

A pesquisa-ação é sempre um questionamento político, uma vez que provoca diferentes movimentos de emancipação social na realidade investigada (Barbier, 2002).

Destacamos, também, que não temos a finalidade de descrever fatos, explicar a realidade e produzir dados apenas, mas dialogar e compreender os significados atribuídos pelos jovens aos seus cotidianos, as experiências que os atravessam e as relações estabelecidas com os contextos empobrecidos e a escolarização.

Pimenta e Franco (2012) apontam que toda essa construção se pauta na dinâmica do coletivo, em um permanente esforço de reflexão-ação, abrindo todos os espaços possíveis para que os sujeitos se compreendam pesquisadores conosco. Nessa tarefa, buscamos com os jovens do grupo possibilidades de construções colaborativas que dialoguem com os contextos vivenciados pelos participantes. Para enfatizar, destacamos que

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2009, p. 16).



JUVENTUDES, POBREZA E EDUCAÇÃO

Na pesquisa-ação que realizamos, dialogamos com jovens no espaço/tempo de uma escola pública situada em um contexto empobrecido. De imediato, vimos a necessidade de uma compreensão mais ampliada acerca das categorias *juventude*, *pobreza* e *educação*, uma vez que os sujeitos participantes vivenciam a condição juvenil atravessados por dinâmicas que os empobrecem e precarizam suas vivências. Nessa tarefa, recorreremos a um amplo referencial teórico com base em autores da sociologia da juventude (Abramo, 1994; Camacho, 2004; Dayrell, 2003; Foracchi, 2018; Groppo, 2000, 2004, 2017; Pais, 1990, 2003), em pesquisadores que abordam a relação entre juventudes empobrecidas e escolarização (Amaral, 2011, 2015; Carrano, 2003; Dayrell, 2007, 2011, 2016) e em estudos nas interfaces entre educação, pobreza e desigualdade social (Arroyo, 2012, 2013, 2014, 2019; Cararo, 2015).

A juventude é uma constante preocupação das sociedades modernas e contemporâneas, uma permanente questão pública (Groppo, 2004).



Nesta seção, faremos uma síntese das perspectivas teóricas que adotamos, com o objeto de apresentar ao nosso leitor as concepções de juventude, pobreza e educação que nos direcionam, tanto do ponto de vista epistemológico quanto das intervenções que elaboramos com os jovens que participam da pesquisa. A princípio, discorreremos sobre a categoria juventude, entendendo-a como construção histórico-social, dialética, multifacetada e que se destaca, especialmente, a partir da Modernidade; depois, abordaremos a compreensão multidimensional de pobreza, entendendo-a como o principal agente na constituição de graves quadros de exclusão social e de negação de direitos para os jovens; por fim, discutiremos algumas concepções acerca das juventudes empobrecidas presentes em contextos escolares.

Ao colocarmos em tela o debate sobre juventude, deparamo-nos com diversas abordagens acerca da questão e da ausência de consensos em torno da temática, o que nos sugere muitas possibilidades de análise e de interpretação. No imaginário social e no senso comum, por exemplo, reside a concepção de que se trata de uma fase da vida compreendida entre o final da infância e a consolidação da idade adulta, quando, supostamente, os sujeitos estão aptos a assumir maiores responsabilidades sociais. Assim, jovens são aquelas pessoas estão nessa transição se preparando para papéis futuros.



Marcadores etários são usados, inclusive, para delimitar alguns espaços na sociedade, como idade para dirigir, para trabalhar, para responder judicialmente por delitos praticados, entre outros. No Brasil, a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude, considera jovens as/os que possuem idade entre 15 e 29 anos. Foracchi (2018) afirma que, na base da compreensão de juventude como preparação para a vida futura, está uma visão “adultocêntrica” de mundo e de relações sociais. Os jovens, nesse caso, são orientados em função das especificações pretendidas socialmente. A idealização da condição adulta como meta social a ser buscada acaba tornando a juventude um momento de preparação para que os sujeitos acessem e assumam esse lugar.



O Estatuto da Juventude é uma importante conquista dos coletivos juvenis organizados, dos movimentos sociais e de toda a sociedade brasileira. Acesse e conheça!

Fonte: http://www.urca.br/portal2/wp-content/uploads/docs/pdf/2019/PROAE/estatuto_da_juventude.pdf



A compreensão de juventude como fase delimitada da vida e etapa de preparação para a idade adulta, entretanto, encontra muitas resistências dentro da própria sociologia da juventude, principalmente quando consideramos as análises mais contemporâneas. Para Foracchi (2018), trata-se de um entendimento reducionista que restringe a experiência de juventude a um momento passageiro e vazio de sentido. Camacho (2007) nos diz que considerar os jovens apenas na perspectiva dos adultos é produzir sobre eles uma visão enviesada e equivocada, fazendo com que as experiências presentes percam relevância na trama social.

Toda sociedade elabora uma noção ideal de adulto, na qual estão sintetizadas as suas aspirações mais ambiciosas, seus valores mais raros, suas normas mais características, numa palavra, a essência de seu ethos. Esse ideal de adulto constitui o ponto máximo da humanização, a demonstração viva da riqueza e da variedade das suas potencialidades, a prova incontestável da sua justiça e envergadura moral [...] (Foracchi, 2018, p. 23).



Ao nos aprofundarmos nesse debate, Abramo (1994), Amaral (2011) e Groppo (2016, 2017) afirmam que sempre existiu uma noção definida do que é juventude e que esse fenômeno aparece especialmente destacado nas sociedades industriais modernas, tensionado por fatores como divisão do trabalho, especialização econômica, descontinuidade entre infância e idade adulta. Essa sociedade moderna industrial, estruturada a partir da lógica da produção, delimitou as etapas da vida, objetivando a inserção dos sujeitos dentro de esquemas fixos e rígidos, demarcando lugares específicos a serem ocupados por eles. A modernidade, portanto, fez emergir, nas palavras de Groppo (2017), a “institucionalização do curso da vida”, fazendo com que as experiências dos sujeitos acabem sendo reguladas e mediadas por instituições e marcadores sociais.

[...] a partir da Revolução Industrial, do surgimento das fábricas, da ampliação do comércio e, conseqüentemente, do crescimento das cidades, irrompe um modelo social onde se faz necessário melhor delimitar os períodos da vida – infância, adolescência e juventude – buscando diferenciá-los do mundo adulto, visto a necessidade de educar e socializar esses indivíduos e submetê-los a um rigoroso controle [...] (Amaral, 2015, p. 37).

Seguindo nesse entendimento, Groppo (2004) discute que as compreensões universalizantes e homogêneas, como as que privilegiam o caráter etário, não se sustentam. Para ele, não há uma juventude ideal, compreendida como realidade única. O que existe são “grupos juvenis” que se constituem na dinâmica das relações sociais, portanto uma condição dialética do sujeito em termos de representação cultural e situação social, que não está presa a critérios rígidos, mas que se configura segundo modos peculiares e contornos específicos que vão se delineando no campo das experiências que os próprios jovens elaboram ao longo da vida.

[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (Groppo, 2000, p. 8).



Dayrell (2003) parte da concepção de sujeito social para demarcar que a juventude é construída pela dinâmica das contradições sociais e pela capacidade de (re)criar outras produções de sentido. Os jovens têm uma maneira particular de enxergar o mundo e representá-lo em suas socializações. O olhar juvenil sobre a realidade é revelador de um modo de vida próprio, portanto não é única a maneira de vivenciar essa condição, justamente porque são múltiplas as possibilidades que vão se delineando na contraditória trama das relações humanas. Assim, quando falamos de juventude, é fundamental entendê-la como experiência dialética e vivenciada em diferentes situações, afastando-nos do entendimento que unifica e homogeneiza (Groppo, 2004).

Por essa razão, os autores nos quais nos referenciamos sugerem o termo “juventudes” para dar conta dos diversos recortes e atravessamentos que perpassam a condição juvenil. Para esses estudiosos e estudiosas, é possível falar de “juventude” quando fazemos referência a uma categoria de sujeitos construída cultural e historicamente no complexo das relações sociais, mas também se faz necessário pensar em “juventudes”, se considerarmos as múltiplas possibilidades de vivenciar essa condição em diferentes contextos.



Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (Dayrell, 2003, p. 43).

EM NOSSA PESQUISA

Direcionamo-nos pela concepção de juventude como construção social, portanto categoria histórico-sociológica e que não pode ser compreendida totalmente, senão na sua relação com outras variáveis sociais, como gênero, raça, classe social, logo uma condição de sujeitos. Como não há uma única maneira de experimentar a juventude, justifica-se falar de juventudes para abarcar as múltiplas facetas dessa experiência social. Os jovens são sujeitos sociais, de experiências dialéticas e multifacetadas, seres ativos na construção e organização de suas vidas por meio de diferentes formas de sociabilidades.



Para o aprofundamento da temática, sugerimos a aula do professor Dr. Luis Antônio Groppo, um de nossos referenciais teóricos. Nela, o pesquisador apresenta e discute as principais abordagens sociológicas sobre juventude, partindo do livro *Introdução à sociologia da juventude*, de sua autoria.

Vídeo 1 – Aula sobre juventude



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yWWfdsYHaS0&t=1972s>

Juventudes e pobreza: que relações estabelecemos?

[...] Dentro do quadro global de desigualdades sociais os jovens se apresentam como uma população especialmente vulnerável e demandante de políticas públicas que possam promover a garantia de direitos sociais histórica e sistematicamente sonogados em ampla escala no Brasil (Dayrell; Carrano, 2003, p. 4).

O Brasil, apesar de ser uma das maiores economias do mundo, caracteriza-se como um país marcadamente assimétrico na distribuição da riqueza e na oferta de oportunidades, deixando milhares de pessoas à margem do mínimo necessário à dignidade humana. Nesse cenário, as juventudes que se constituem e transitam em contextos precários e desiguais estão entre as populações mais afetadas.

Os jovens que participam desta pesquisa-ação relatam experiências diárias com a pobreza, como empregos insalubres e intermitentes, moradias precárias, tensões e medos decorrentes da violência, entre outras, que marcam suas vidas e deixam incertos os horizontes de expectativas futuras. Essas situações alimentam ciclos de dependências, provocando outras violações que se materializam em comportamentos caracterizados como expressões de rebeldia. Estamos diante de uma evidência que não pode ser tratada como um fenômeno natural ou somente como insuficiência de renda, mas deve ser encarada como uma condição de vida produzida e mantida por estruturas sociais marcadamente desiguais e que agridem os sujeitos de diferentes maneiras.

Que imagens ainda existem, em nossas escolas, acerca dos sujeitos na condição de pobreza?



Essas problemáticas, quando analisadas conjuntamente, evidenciam que a pobreza é um fenômeno complexo e diverso, que não se resume, exclusivamente, à esfera econômica, como mera carência material, embora haja uma tendência em identificá-la a partir de sua face mais imediata, ou seja, daquilo que os sujeitos precisam para sobreviver. Os jovens, ao falarem de seus contextos de vida, abordam questões que transcendem à subsistência. Falam do acúmulo de direitos negados que os impossibilita de exercer as capacidades necessárias para viver dentro do que é humanamente aceitável e justo. São jovens empobrecidos, cujo viver precarizado os lança à própria sorte, condenando-os, muitas vezes, a permanecer nos mesmos lugares sociais que ocupam porque não foram asseguradas a eles as condições necessárias para se constituírem dentro de outros patamares.

[...] quando as portas se fecharam pra mim, eu comecei a vender bolo de pote, caneca enfeitada; só que com o assédio você para; você não continua; você não consegue. Quando eu comecei, eu sofri com o assédio. Eu passava e os homens iam atrás de mim, porque eu vendia sozinha; eu passava para vender e não conseguia [...] (P., 2022).

Esses jovens nos falam de experiências fragilizadas com o trabalho, denunciam facetas das violências que os agridem, de contextos precários e desiguais que os atravessam por diferentes formas de empobrecimento que ultrapassam o caráter econômico. Percebemos que a carência material se evidencia como uma questão grave que perpassa as vivências juvenis, mas não é a única. Essa constatação nos leva a reconhecer que existem outras dimensões da pobreza atravessando as juventudes e marcando as maneiras com que esses jovens se constituem como sujeitos e organizam suas vivências.

Eu fazia menor aprendiz no Burguer King. Aí, meu supervisor era branco. Aí, tipo, ele não gostava de mim, tá ligado? Todo mundo gostava de mim, me dava as coisas, mas ele não, ele não gostava muito, tá ligado? Sofria preconceito, mas eu não ligava. Teve um dia que o gerente me autorizou a pegar o lanche e quando eu fui pegar, tipo, ele começou a me 'gastar'. Só que não podia fazer nada, eu era menor aprendiz, tá ligado? Teve um dia que ele me chamou de macaco, aí, véi, eu me senti 'ofendidão' e meti um processo em cima dele e ganhei quase três mil reais (F., 2022).

Diante disso, recorremos a estudos (Cararo, 2015; Carneiro, 2005; Codes, 2008; Nascimento, 2013) que alargam a compreensão de pobreza e nos apresenta a abordagem multidimensional do fenômeno. Tal opção se justifica por entendermos que estamos diante de uma questão social complexa que não se reduz exclusivamente às necessidades materiais, mas está estreitamente relacionada com a ausência de condições de se organizar a vida dentro de parâmetros humanos aceitáveis (Codes, 2008). Trata-se de “[...] um conjunto de problemas mais abrangentes, constituintes de um emaranhado de fatores que se retroalimentam [...]” (Codes, 2008, p. 24). Os jovens nos falam exatamente de experiências precarizadas que vão se retroalimentando e dificultando as possibilidades de superação, fazendo com que processos que geram dependências permaneçam inalterados.

[...] é até complicado, as vezes são três horas da tarde e tenho que fazer entrega, minha mãe fala: chama seu pai, chama seu cunhado, seu irmão, chama alguém, chama seu namorado pra poder ir com você porque é perigoso ir sozinha [...] pô, cara, eu tô no meu bairro e não posso sair sozinha porque posso sofrer alguma violência? Assim, eu acho isso um absurdo [...] (X., 2022).



A concepção multidimensional de pobreza busca abordá-la considerando a intersecção da renda com outras questões sociais, como saúde, educação, habitação, participação política, igualdade entre os sexos etc. Assim, trata-se de uma ameaça à cidadania, pois impede que os sujeitos se organizem como queiram, ceifando deles o direito de existir em condições dignas, já que tal problema ultraja os seres humanos em diferentes aspectos: materiais, subjetivos, políticos e sociais (Codes, 2008), que se manifestam de diferentes formas e em diversos contextos. Tal como fizera Cararo (2015), compreendemos que estamos diante de um fenômeno multifacetado e diverso, que nem sempre é totalmente visível de imediato, tornando as análises exclusivamente econômicas e assistencialistas insuficientes e limitadas. Segundo Mattei (2017), a ideia de pobreza multidimensional:

[...] volta-se para o comportamento de indicadores relativos às condições de vida das pessoas. Neste caso, a pobreza é definida como um fenômeno revelador da incapacidade dessas pessoas de atingirem certas condições mínimas que lhes permitiriam uma vida mais adequada e onde elas pudessem desenvolver todas as suas capacidades [...] (Mattei, 2017, p. 43).



Os jovens nos falam de vivências com a pobreza que se expressam nos extremos do mercado de trabalho, no submundo da informalidade, nas evidentes lógicas excludentes, na deteriorização dos já precários serviços públicos que, cotidianamente, atentam contra suas existências e fragilizam esse momento da vida. A pobreza é uma realidade que nos inquieta (ou que deveria nos inquietar), choca (ou deveria chocar) a sociedade e deve ser encarada como uma ferida latente a nos recordar de tantos atrasos que nos envergonham (Telles, 1993). Por essa razão, as experiências desses sujeitos com a pobreza não podem ser interpretadas dentro de concepções universalistas e marcadores fixos, desconsiderando os diferentes atravessamentos nas singularidades com que a condição juvenil é vivenciada e sentida.

Abordar aqueles que socialmente são constituídos como pobres é penetrar num universo de dimensões insuspeitadas. Universo marcado pela subalternidade, pela revolta silenciosa, pela humilhação e fadiga, pela crença na felicidade das gerações futuras, pela alienação e resistência e, sobretudo pelas estratégias para melhor sobreviver, apesar de tudo [...] (Yazbek, 2012, p. 292).

SINTETIZANDO AS IDEIAS

A pobreza é um fenômeno multidimensional, macroestrutural e diverso, que reverbera na condição juvenil multifacetada em diferentes problemáticas. É um grave atentado à dignidade humana, fazendo com que os que vivem nessa condição sejam lançados no limite da sobrevivência e impossibilitados de organizar suas vidas em liberdade e autonomia. Os jovens que se constituem como sujeitos sociais a partir de contextos empobrecidos experimentam diversas formas de negação de direitos e de precarização da vida que fragilizam suas experiências e os impedem do acesso à cidadania plena.

PARA APROFUNDAMENTO

Vídeo 2 – Pobreza multidimensional



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=z5lhrpLtk_Q&t=166s

JUVENTUDES EMPOBRECIDAS E EDUCAÇÃO: POR QUE É URGENTE ESSE DEBATE?

A partir dos diálogos estabelecidos com os jovens participantes da pesquisa, observamos, sob uma perspectiva mais abrangente, que as práticas de escolarização têm encontrado entraves no diálogo com as juventudes empobrecidas e há uma tendência em silenciar suas expressões culturais, negando seus saberes e conhecimentos. Uma questão fundamental que aparece, nesse contexto, é a tendência de as epistemologias escolares considerarem as experiências de pobreza e extrema pobreza como expressões de carência material, intelectual e moral. Arroyo (2015) insiste que esse comportamento reforça a concepção moralista sobre os empobrecidos, historicamente sedimentada em nossa cultura política, jurídica e pedagógica.

Diante dessa realidade tão cruel, que impacta e atravessa as juventudes nos espaços/tempos escolares, Arroyo (2015) afirma que a primeira atitude a nos mover é o reconhecimento de que a pobreza e as desigualdades existem. Isso significa romper com as concepções recorrentes de pobreza, muitas delas pautadas em um senso comum que alimenta e mantém visões pejorativas dos empobrecidos e seus modos de vida.



Muitos jovens que adentram os espaços/tempos escolares são sujeitos explorados, submetidos a situações-limite que os estigmatizam. Em larga medida, a escola os rotula como incapazes, inaptos, marginais, defasados, desinteressados ou, simplesmente, pela expressão genérica que os qualifica como “problemáticos”. Nesse sentido, desnaturalizar a pobreza implica dar a eles o direito de saber que estão nessa condição em decorrência da estrutura econômica, social e política da sociedade brasileira (Yazbek, 2012), que faz recair sobre eles o peso da maior parte dos dilemas sociais que nos afligem. Por isso eles são anulados em suas existências e culpabilizados pela própria condição. Esse movimento implica:

[...] não apenas saber que as escolas estão repletas de meninos e meninas pobres, mas, muito mais do que isso, é preciso também questionar quais exigências essas vivências da pobreza, da precariedade material extrema, demandam de nossas práticas (Arroyo, 2015, p. 7).



É comum, quando indagamos pelo lugar ocupado pelos jovens empobrecidos nos espaços/tempos escolares, encontrar afirmativas que os caracteriza como destinatários do saber formal a ser conferido pela escola e incapazes de decidir sobre seus próprios destinos. Apropriando-nos de Arroyo (2013), pontuamos que as juventudes empobrecidas que chegam à escola, ainda que sejam identidades marcadas por experiências precarizadas, possuem vivências que não podem ser desconsideradas. A escolarização programada para as juventudes empobrecidas, em grande parte, alimenta o discurso recorrente de que esses sujeitos são o “problema da escola”, quando, na realidade, são jovens vitimados por processos sociais excludentes e violentos. Nesse caso, as práticas educativas, ao fazerem coro a esse tipo de discurso, não são significativas para os jovens, uma vez que apenas reproduzem e reforçam olhares estereotipados sobre eles.

Precisamos compreender que essas juventudes:

[...] não chegam sujeitos deslocados de si mesmos, sem referências culturais, mas às voltas com entender-se numa desordem social que os desloca, segrega a formas indignas, inumanas e injustas de viver (Arroyo, 2013, p. 224).



É importante considerar que as facetas da pobreza e da extrema pobreza, que marcam as juventudes em lugares onde a vida e as relações se constituem de forma precarizada e fragilizada, são campos contraditórios e disputados, principalmente nesse contexto histórico em que as políticas neoliberais afetam os sistemas oficiais de ensino com a falácia do merecimento individual, abandonando as reais problemáticas que atingem as juventudes subalternizadas.

Nesse sentido, como já indicamos, é imperativo uma mudança de olhar por parte da instituição escolar em relação a essas juventudes. Um caminho possível apontado por Arroyo (2013) é identificar práticas que partam do conhecimento sobre a realidade vivida pelos jovens e, fundamentalmente, as que visam a superar as representações estigmatizantes sobre eles e construam experiências mais afirmativas.

[...] Não dar a devida centralidade à pobreza, como elemento capaz de comprometer as bases materiais do viver humano, tem levado o pensamento social e pedagógico a desconsiderar as carências materiais que chegam às escolas e a se preocupar prioritariamente com as consequências morais e intelectuais da pobreza (Arroyo, 2015, p. 9).



Esses sujeitos, plurais e diversos, mas com demandas específicas, por muitos vistos como receptáculos do conhecimento e destinatários da formação para a vida a ser dada pela escola, agora, dominam a cena escolar com um amplo repertório cultural e vivencial que não pode ser desconsiderado e anulado pela institucionalidade; confrontam o que é, comumente, praticado nos espaços/tempos institucionais e, ao fazê-lo, atraem olhares e provocam relações e reações. Os jovens empobrecidos, subalternizados no percurso histórico da escola pública brasileira, querem ser reconhecidos. As juventudes atravessadas por percursos que as empobrecem adentram os espaços/tempos escolares e, com elas, chegam seus conhecimentos, suas vivências de mundo, suas formas de interpretação da realidade, requisitando reconhecimento e visibilidade.

Arroyo (2014) nos fala que os coletivos historicamente subalternizados vêm lutando por visibilização. São sujeitos oriundos de diversas frentes que, por meio de ações coletivas no campo e nas cidades, foram se organizando em torno da luta por democracia, direitos e participação. São quilombolas, povos da floresta, movimento feminista, negro, de orientação sexual, pró-teto, reivindicando terra, escola, universidade. São massas “invisibilizadas” que vão se fazendo visíveis e resistentes, ocupando espaços e se afirmando como sujeitos de cidadania plena.



Aplicando a máxima de Arroyo (2014) aos jovens com os quais dialogamos durante a pesquisa, reconhecemos, nelas e neles, mulheres e homens atentos às questões sociais, políticas, econômicas, ambientais e de comportamentos que confrontam o tempo presente. Demonstram preocupações quanto à violência, ao desemprego, ao meio ambiente, ao desconforto com os preconceitos e às diferentes formas de precarização da vida que as/os atingem. Portanto, não é mais possível encarar esses sujeitos sob rótulos generalizantes. É equivocado qualquer comportamento que os sentenciem, antecipadamente, como “os/as que nada querem” ou os/as que “nunca serão alguém na vida”.

As juventudes empobrecidas que chegam (e estão na escola) não são vazias de saberes e carentes de valores. Ao adentrarem os espaços/tempos escolares, adentram, também, outros conhecimentos, outras vivências de mundo, outras formas de interpretação da realidade e exigem que assim sejam reconhecidas pelas práticas que são compostas nesses lugares. Recorremos, mais uma vez, a Arroyo (2014, p. 16): “[...] se as artes de produzi-los como subordinados foram tão sofisticadas, será necessário desconstruir as concepções em que essas pedagogias de dominação se legitimaram [...]”.

A escola tem dialogado com os saberes e conhecimentos elaborados pelas juventudes empobrecidas?

REFORÇANDO ALGUNS DIZERES

As problemáticas que atravessam as juventudes empobrecidas adentram os espaços/tempos escolares na medida em que esses sujeitos transitam na escola. Em larga medida, a escola tem se mostrado distante daquilo que é significativo para os jovens. Falar de escolarização na perspectiva desses sujeitos é constituir processos que dialoguem com seus saberes e conhecimentos e que estejam abertos ao reconhecimento das culturas juvenis como experiências possíveis e representativas.

Vídeo 3 – Fora de série



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=AqhUjqmLsf0&t=2153ss>

Documentário *Fora de série*, produzido pelo Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF, a partir de pesquisa com estudantes do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de 13 escolas públicas. Nele os jovens narram percursos de vida e contam histórias sobre seus relacionamentos com a escola. Os relatos apresentam desafios que envolvem o processo da formação escolar e revelam os suportes e apoios encontrados dentro e fora da escola para concluir o ensino médio.

OUTROS SUJEITOS, OUTRAS PEDAGOGIAS

Partindo das provocações de Arroyo (2014), consideramos, em nossa pesquisa, as juventudes empobrecidas como “outros sujeitos”, justamente porque a elas são negadas direitos fundamentais que comprometem as bases do digno viver. São jovens que vivenciam a juventude a partir de situações que os fragilizam e retiram as condições necessárias para organizarem a vida em outros patamares.

Diante dessa evidência, impõe-se a necessidade de outros olhares sobre as vivências dos sujeitos empobrecidos, cujas manifestações se apresentam nos espaços/tempos escolares e, assim, elaborar estratégias educativas de natureza mais horizontal entre a escola e os jovens de forma que possibilitem a afirmação de uma outra pedagogia que envolva as juventudes, sobretudo as marcadas pela condição de pobreza e extrema pobreza.

Esses sujeitos chegam à escola marcados por heranças que a sociedade lhes joga na cara, como preconceitos sociais e morais (Arroyo, 2019).





Os jovens não podem continuar sujeitos a processos escolares que visem somente à formação de mão de obra produtiva ou que os culpabilizem pelo próprio fracasso. Um passo importante a ser dado é a superação urgente das visões estereotipadas que foram produzidas acerca desses sujeitos e o reconhecimento de seus modos de vida como possíveis. Arroyo (2014) aponta duas alternativas merecedoras de uma atenção mais apurada: humanizar os espaços do viver e retomar a produção de existência como princípio formador.

É necessário pensar os percursos escolarizados que priorizem as relações humanas e empreender zonas de afetos que alinhavem os sujeitos da ação educativa e os aproximem. Durante os diálogos, os jovens acabam expondo a “frieza” que paira sobre esse lugar, o aspecto rotineiro com que os processos são efetivados e a ausência de participação nas decisões cotidianas que os envolvem. Nesse processo,

[...] a didática mais eficaz será aproximarmo-nos dos educandos, ter sensibilidade para captar em que processos se formam, como aprendem a fazer escolhas no emaranhado moral e imoral de suas existências [...] (Arroyo, 2019, p. 138).

Considerando a “produção de existência” como princípio formador, a escola precisa dialogar com as resistências criativas que brotam das respostas juvenis diante da escalada acelerada da desumanização que alicia consciências e destrói direitos, sobretudo os movimentos elaborados por coletivos de jovens periféricos.

Essas “resistências” aos violentos métodos de desumanização, cada vez mais ampliados, são, nas palavras de Arroyo (2014, p. 82) “[...] outras pedagogias que retomam e afirmam a centralidade, da imediatez da produção/reprodução da existência, para a formação humana [...]”.

Nelas, residem e circulam saberes que, aliados ao conhecimento socialmente produzido e acumulado, podem ser um importante campo a ser explorado pela escolarização. No caso específico dos jovens, há diversas iniciativas atreladas às culturas juvenis que vêm se constituindo como elementos afirmativos dessas existências e contra o extermínio das juventudes periféricas.

Que resistências criativas existem em nossos contextos educativos? Estamos dialogando com elas?



Observamos que, entre as juventudes empobrecidas, particularmente, há diversas iniciativas que vêm se constituindo como elementos afirmativos dessas existências e contra o extermínio dos jovens da periferia. Como exemplo, temos os levantes populares de juventudes, as chamadas “tribos urbanas”, movimentos no âmbito da música, da dança, do teatro e de diversas expressões artísticas.

A escolarização, nessa perspectiva, precisa considerar as expressões de resistências criativas que transitam na escola como lugares de conhecimento, como recursos de afirmação da vida e como instrumentos ético-políticos por meio dos quais os coletivos juvenis subalternizados tensionam por visibilização e reconhecimento.

Defendemos, ainda, a incorporação dessas experiências nas práticas educativas, no intuito de dialogar, de maneira mais aproximada, com os jovens e suas representações de realidade. Durante a pesquisa-ação, deparamo-nos com sujeitos praticantes de grafite, funk, hip hop, Slam, levantes de juventude, entre outros, que nos relatam ausências de espaços mais significativos para essas vivências no âmbito da escolarização.



UMA PEDAGOGIA DAS JUVENTUDES

Ao dialogar com as juventudes, a partir dos sujeitos da pesquisa, constatamos que os jovens não são sujeitos vazios que chegam à escola somente para aprender aquilo que está previsto como conteúdo programático de dada série ou etapa escolar. Todavia, antes de serem “alunos”, são seres humanos que carregam experiências de mundo, são capazes de atuar na realidade e produzir suas próprias interpretações.

Isso implica considerar o jovem como sujeito central da ação educativa, aquele que atua e colabora, que participa das decisões e auxilia na elaboração das iniciativas. Esse movimento nos leva a afirmar as diversas possibilidades de constituição de sujeitos, inclusive os contextos de pobreza e de desigualdades sociais que impedem parte considerável das juventudes de viverem plenamente a condição humana.

Que lugares as juventudes empobrecidas ocupam no contexto da ação educativa?





Compreender as juventudes como sujeitos da ação educativa pressupõe o distanciamento daquelas práticas que reduz a ação educativa a “ensinar algo a alguém” ou “transmitir conhecimentos aos que nada sabem”. Se estamos afirmando que os jovens são sujeitos de conhecimentos, precisamos de pedagogias que dialoguem com esses conhecimentos e pensem a educação como processo que leve em consideração a experimentação de si mesmo, a socialização com a comunidade e a constituição de identidade própria (Dayrell *et al.*, 2016).

Dayrell *et al.*, 2016) apresenta um caminho possível ao falar de uma “pedagogia das juventudes” como método de aproximação com os saberes e conhecimentos que brotam das sociabilidades juvenis. Trata-se de uma perspectiva analítica que parte das ações de extensão, ensino e pesquisa desenvolvidas com jovens e com educadores no âmbito do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Muito além de um campo conceitual, trata-se de uma postura política que leva em consideração as particularidades das juventudes, em especial as empobrecidas, na elaboração de experiências educativas para esses jovens.

Esse outro olhar pedagógico acerca das juventudes e de seus modos de vida, fundamentado na empatia e na sensibilidade, pauta-se no reconhecimento de que os jovens que transitam na escola são existências concretas e carregadas de valores que “[...] amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhoria de vida [...]” (Dayrell *et al.*, 2016, p. 255).

Assim, escola não somente ensina o que é definido pelos organismos estatais, mas também é expressão da concretude das vidas que nela transitam. É o ponto de encontro de sujeitos tão distintos, mas ao mesmo tempo tão próximos. Nas periferias de muitas cidades, o ambiente escolar é o lugar onde os jovens passam grande parte do tempo e estabelecem muitas relações afetivas. É nela que narram seus sonhos e projetos, compartilham frustrações e angústias, dão boas risadas e muitas vezes choram.

A escola deve ser um ambiente potencializador de diferentes expressões, vivências e identidades e, com isso, possibilitar a apropriação pelos jovens estudantes de modo a ganhar novos sentidos (Dayrell, 2007).



Pautados nessa pedagogia das juventudes, apostamos na aproximação com os jovens a partir de mediações peculiares a essa condição, como música, poesia, arte, dança, estilos, ritmos. Entendemos que práticas culturais podem ser um caminho efetivo e produtivo, uma vez que envolvem os sujeitos naquilo que eles têm domínio e, além disso, trazem para o campo da valorização saberes e conhecimentos que são significativos nas sociabilidades juvenis.

APROFUNDE:



Obra organizada pelo professor Juarez Dayrell, compartilhando diversas experiências educativas com jovens no âmbito do Observatório da Juventude (OJ) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

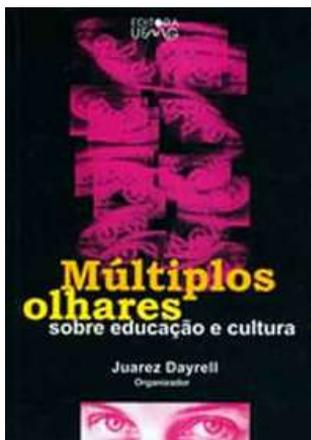
No link abaixo, as pessoas interessadas podem acessar a obra na íntegra e conhecer um pouco melhor a concepção de *Pedagogia das Juventudes*.

https://reaju.files.wordpress.com/2018/07/livro_por_uma_pedagogia_das_juventudes.pdf

Percorremos os caminhos apontados por Arroyo (2014), quando nos diz que “outros sujeitos” requisitam “outras pedagogias”, e as experiências compartilhadas por Dayrell *et al.* (2016), na perspectiva de uma “pedagogia das juventudes”, para balizarmos os diálogos construídos com os jovens no campo da pesquisa e na composição do que denominamos de “movimentos culturais”.

APROFUNDE:

Na obra encontramos uma coletânea de artigos que abordam as interfaces entre educação e cultura. Sugerimos para professores e pesquisadores que queiram se aprofundar nesse campo. No link abaixo, disponibilizamos o artigo *A escola como espaço sócio cultural*, escrito pelo professor Juares Dayrell.



<https://docsbarraespartana.files.wordpress.com/2012/03/dayrell-juarez-multiplos-olhares-sobre-educacao-e-cultura.pdf>

POR QUE MOVIMENTOS CULTURAIS?

Atendendo a um requisito do Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, que tem como questão central a intervenção na realidade social/educacional dos sujeitos, construímos, coletivamente com os jovens participantes, experiências educativas compreendidas como “movimentos culturais”.

Tais experiências se pautam na concepção de que os jovens que transitam nos espaços/tempos escolares, em contextos empobrecidos e precarizados, são sujeitos de saberes e conhecimentos, logo, sujeitos culturais. As manifestações dessas culturas juvenis se apresentam na cena escolar em forma de símbolos, gírias, gostos musicais, estilos de vestir, modos de falar, identificações pessoais e de grupos, entre outros.

Compreendemos como “movimentos culturais” as composições elaboradas com os sujeitos da pesquisa, tendo como referências os saberes e culturas juvenis que transitam na escola.





Nesses movimentos, consideramos a noção de culturas juvenis (no plural) para compreender as mais diversas maneiras de interpretar e se relacionar com o mundo, criadas e recriadas pelas jovens e, assim, reconhecer seus modos de vida e dialogar com as particularidades da condição juvenil que se manifestam no cotidiano da escola. Partindo do pressuposto de que as juventudes que transitam na escola são grupos culturais, afirmamos, como Dayrell (2007, p. 1110), que esses coletivos abrem

[...] a possibilidade de práticas, relações e símbolos por meio dos quais criam espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, o meio privilegiado pelo qual se introduzem na esfera pública. Para esses jovens, destituídos por experiências sociais que lhes impõem uma identidade subalterna, o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção de uma autoestima, possibilitando-lhes identidades positivas [...].

Em análise convergente, Borelli *et al.* (2019) argumentam que perspectivas culturais possibilitam a compreensão de múltiplas dimensões e condições de existência dos sujeitos, dando novos sentidos às suas escolhas e construindo novos discursos em relação à realidade vivenciada. Apostamos que, no cotidiano da organização escolar, por meio de construções mais afetivas e pela inserção de outras linguagens que dialoguem com os jovens, é possível propor outras socializações entre a educação escolar e esses sujeitos (Borelli *et al.*, 2019).

Particularmente acerca das juventudes empobrecidas, recorte desta pesquisa, as mediações culturais se configuram como importantes instrumentos de reflexão-ação, que podem se constituir em instrumentos políticos, porque

[...] a cultura revela-se como uma ferramenta potente de proteção, capaz de atuar no desenvolvimento de visão crítica e na desnaturalização das desigualdades sociais, aliada a uma ação combativa frente a essas desigualdades e de todas as espécies de preconceito (BORELLI *et al.*, 2019, p. 42).

Com base nos diálogos constituídos com as juventudes participantes da pesquisa, compreendendo o repertório de saberes manifestados em enunciações e representações diversas, organizamos as intervenções compostas com os jovens em seis movimentos. Tais composições são operacionalizadas por meio de exibição e debates de curtas-metragens, rodas de conversas, intervenções com poesia marginal e literatura periférica, experimentação com grafite e outras expressões de culturas juvenis manifestadas no espaço/tempo escolar.

No quadro seguinte, sistematizamos os principais eixos temáticos com os quais trabalhamos, bem como os colaboradores que estiveram mediando as discussões e as ações desenvolvidas com os jovens.



Quadro 1 – Relação dos eixos temáticos, colaboradores e ações realizadas

Eixos temáticos	Colaboradores	Ações desenvolvidas
1º Os jovens e os olhares sobre si mesmos.	Flávio Gonçalves de Oliveira – professor de Filosofia no ensino médio e mestrando do PPGMPE/Ufes	Análise da música <i>Não é sério</i> , de Charlie Brown Jr, construção de um cartaz coletivo e uma cartografia das vivências juvenis
2º Os jovens e seus olhares sobre a cidade e o bairro	Antônio Barbosa – professor de Sociologia, ativista social e coordenador da <i>Rede Afirmação</i> e Renata Simões Duarte – orientadora da pesquisa	Análise da música <i>Canção infantil</i> , de César MC e problematização da realidade juvenil vivenciada nos contextos empobrecidos
3º A pobreza e a extrema pobreza na constituição das identidades juvenis	Stell Miranda – fotógrafo, produtor audiovisual e ativista cultural e Renata Simões Duarte – orientadora da pesquisa	Oficina de leitura criativa com produção de fanzine usando técnicas de recorte e colagem
4º Juventude e pobreza: tensões e intenções	Jhon Conceito – ativista ligado ao Slam e produtor cultural	Oficina de literatura periférica e poesia marginal
5º A educação como possibilidade de enfrentamento da pobreza e extrema pobreza	Flávio Gonçalves de Oliveira – professor de Filosofia no ensino médio e mestrando do PPGMPE/Ufes	Roda de conversa sobre o papel da educação na constituição dos jovens e relatos de experiências juvenis com a escola
6º Culturas juvenis e educação escolar	Abelar Nagil – artista visual, grafiteiro e arte educador e Renata Simões Duarte – orientadora da pesquisa	Oficina de técnicas de grafite com experimentação prática em parede lisa

Fonte: Quadro organizado pelos autores.

SÍNTESE DO PERCURSO FEITO

Abril/2022: Solicitação à direção da EEEFM Saturnino Rangel Mauro para a realização da pesquisa; imersão no espaço/tempo escolar; planejamento das primeiras atividades.

Maió/2022: Observação participante; delimitação dos participantes da pesquisa; composição do grupo-sujeitos; socialização da pesquisa com os jovens e envio do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Tale).

Junho e julho/2022: Realização do 1º e 2º eixos temáticos; mapeamento das vivências juvenis por meio de atividade escrita; análise de audiovisual e socialização das experiências no coletivo do grupo-sujeitos.

Agosto e setembro/2022: Composição do 3º e 4º eixos temáticos; mediação cultural por meio da literatura periférica; socialização das vivências com o coletivo participante.

Outubro e novembro/2022: Composição do 5º e 6º eixos temáticos; mediação cultural pela via do Slam e do grafite com experimentação em parede lisa; reflexão acerca das vivências compartilhadas nessas intervenções.



COMPOSIÇÕES JUVENIS NA CENA ESCOLAR

Nas teias de tantas vivências particulares tecidas nos espaços/tempos cotidianos de uma escola pública, afirmamos que é possível fazer outras práticas educativas, no âmbito dos espaços/tempos institucionais, que dialoguem com os modos de vida elaborados pelos jovens, principalmente a parcela empobrecida tão rotulada nesses lugares.

Nesta seção, gostaríamos de compartilhar um pouco do que foi possível realizar no percurso da pesquisa-ação. Nosso intuito é sintetizar os aspectos mais significativos dessa experiência e levar ao conhecimento do nosso leitor as produções elaboradas com os jovens.

Organizamos as intervenções em eixos temáticos, já explicitados. Em cada campo, realizamos dois movimentos fundamentados essencialmente na tríade teorização-reflexão-ação. As vivências produzidas nesses movimentos compõem nosso repertório de dados (vídeos, fotografias, textos escritos, poesias, colagens, entre outros enunciados) e parte considerável desse material serve de base tanto para a escrita da dissertação quanto para a sistematização deste produto educacional.



1º EIXO TEMÁTICO

OS JOVENS E OS OLHARES SOBRE SI MESMOS

Mediador: Flávio Gonçalves de Oliveira (professor de Filosofia e mestrando do PPGMPE/CE/UFES).

Objetivos: Problematizar as compreensões produzidas social e culturalmente sobre os jovens; conhecer as perspectivas juvenis acerca de si mesmos; refletir sobre os atravessamentos que incidem sobre a condição juvenil.

Ementa: Compreensão histórico-sociológica da categoria juventude; imagens produzidas social e culturalmente sobre os jovens; juventude e juventudes; juventudes e condição juvenil.

Metodologia: Análise crítica da composição *Não é sério* de Charlie Brown Jr. e *Negra Le*; construção de um cartaz coletivo acerca das perspectivas juvenis sobre si mesmas; composição de uma “cartografia” das vivências juvenis e de suas percepções de realidade; socialização das composições no coletivo do grupo.

Organizamos, previamente, um espaço fora da sala de aula convencional, recepcionamos os jovens de maneira afetiva e empática, deixamos um breve tempo para interações e trocas e, na sequência, exibimos o videoclipe da composição *Não é sério*.

Após a exibição, colocamos sobre uma mesa ao centro uma folha de papel cenário em branco, distribuímos pincéis e pedimos que os jovens fossem escrevendo sentimentos, desejos, perspectivas que vieram à tona durante a escuta da música. Finalizamos solicitando que os sujeitos escrevessem, em material à parte, duas imagens comuns acerca do que é ser jovem e que são reproduzidas em seus contextos de vida. Recolhemos as composições e encerramos o encontro.

Vídeo 4 – *Não é sério*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=n9i2Y-ajyg0>

O que os espaços/tempos escolares têm falado sobre as juventudes empobrecidas?

Em uma roda de conversa, os participantes foram convidados a compartilhar o que produziram com o grupo. Mediamos as conversações de maneira dialógica e empática, limitando-nos a fazer os apontamentos absolutamente necessários e garantindo o direito de fala aos jovens que se propunham a falar. Criamos um ambiente descontraído e acolhedor, de forma que as participações ocorressem de maneira natural e sem grandes formalidades.

Figura 1 – Composição de cartaz coletivo



Fonte: Acervo particular dos autores.

Na vida cotidiana, os indivíduos constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido aos vínculos da ordem construída. O sentido é sempre mais produzido através de relações [...] (Melucci, 2005, p. 29).

2º EIXO TEMÁTICO

OS JOVENS E SEUS OLHARES SOBRE A CIDADE E O BAIRRO

Mediador/a: Professor Ms. Antônio Barbosa Júnior (professor de Sociologia, ativista social e coordenador da Rede Afirmação de Cursinhos Populares) e professora Dr.^a Renata Simões (professora do Centro de Educação da Ufes e orientadora da pesquisa).

Objetivos: Dialogar com as compreensões juvenis acerca da cidade e do bairro, no intuito compreender as vivências com dinâmicas periféricas que empobrecem; problematizar os contextos de vida dos jovens e as estruturas que negam direitos e precarizam seus modos de vida.

Ementa: Periferia sob o olhar histórico-sociológico; dinâmicas periféricas e negação de direitos; periferia e violências; juventudes periféricas e seus atravessamentos.

Metodologia: Análise crítica da composição *Canção infantil*, de César Mc; roda de conversa a partir das experiências juvenis com a periferia e as dinâmicas que violentam e negam direitos.

Iniciamos os movimentos deste eixo com a acolhida empática dos jovens e uma breve exposição da temática do encontro, a apresentação dos mediadores e dos objetivos da atividade e a exibição do videoclipe da composição *Canção infantil* de César MC. Os mediadores coordenaram as falas, permitindo a manifestação dos jovens e fazendo os apontamentos necessários.

Vídeo 5 – Videoclipe *Canção infantil*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2X0>

Figura 3 – Exibição do videoclipe da música *Canção infantil*



Fonte: Acervo particular dos autores.

Proseguimos com as socializações das percepções juvenis acerca do videoclipe *Canção infantil*, por meio de um bate-papo informal. Na mediação, é destacado que a composição faz uma contundente crítica às contradições sociais vivenciadas pelos sujeitos nas periferias, sobretudo urbanas, de uma sociedade marcadamente desigual, violenta e injusta, deixando incertas perspectivas de vida mais promissoras.

**Cinco meninos foram passear
Sem droga, flagrante, desgraça nenhuma
A polícia engatilhou: Pá, pá, pá, pá
Mas nenhum, nenhum deles voltaram de lá
Foram mais de cem disparos nesse conto sem moral
Já nem sei se era mito essa história de lobo mau (Cesar
Mc, 2019).**

Os versos do rapper explicitam diferentes problemáticas que atravessam a condição juvenil nos contextos empobrecidos, onde a vida é precarizada. Os jovens são submetidos, cotidianamente, a tantas dinâmicas violentas que marcam precocemente suas existências e se constituem como grandes desafios para a cidadania desses sujeitos. Ao experimentarem a juventude em situação de negação de direitos e na ausência de outras alternativas de vida, muitos desses jovens acabam reproduzindo e retroalimentando as mesmas estruturas das quais são as maiores vítimas.

O QUE OS SUJEITOS NOS DIZEM?

Os jovens reforçam os versos do rapper e falam da periferia a partir da negação de direitos e das violências sofridas diariamente: “Violência policial é o que mais existe aqui” (Aluno, 2022); “Racismo também” (Aluno, 2022); “Tiroteio tem quase todo dia por essas ruas, aí” (Aluna, 2022); “Mano, droga, aqui, coé, véi” (Aluno, 2022) e a conclusão de um deles, em tom fatalista, foi de que, na periferia, “Não tem final feliz” (Aluno, 2022).

[...] mas, aí, na moral, teve uma vez que ‘nois’ tava, ali, na praça, ali, deram o maior ‘bicudão’ na minha perna [risos] heim, mas nada a ver, viado, foi mesmo, tava mó de boa, foi só ‘lapada’, doido [...] tem policial que chega na moral, mas tem policial que é maior ‘Zé buceta’ [...] (G., 2022).

“Véi, para muitas pessoas que não vêm de periferia, nunca ‘vai’ saber o que é ver um parente morto e ver um amigo internado no hospital por estar todo baleado pela polícia só porque mora aqui ou estava aqui” (H., 2022); “Já vi menor morrer, já vi menor sofrer, já vi sangue escorrer, vi família chorar... porque o problema nunca é o governo. É o preto que está sempre a roubar” (B. P., 2022); “É sempre assim, matando gente inocente. Nós vivemos em um mundo injusto [pausa]. Eu sou motoboy e falo que eles não querem saber de ‘porra’ nenhuma. Eu já sofri racismo muitas vezes e isso não é bom” (G. H., 2022).

3º EIXO TEMÁTICO

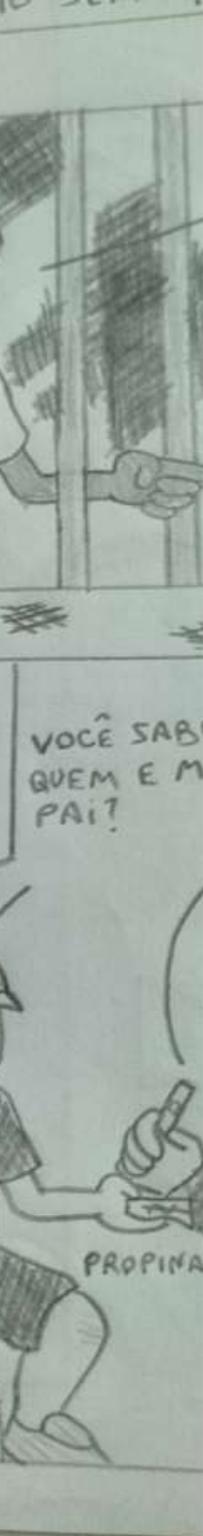
A POBREZA E A EXTREMA POBREZA NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES JUVENIS

Mediador/a: Stell Miranda (fotógrafo, produtor audiovisual e ativista cultural) e professora Dr.^a Renata Simões (orientadora da pesquisa).

Objetivos: Compreender a pobreza e a extrema pobreza como fenômeno multidimensional e diverso; dialogar com as compreensões juvenis acerca da pobreza e da extrema pobreza; problematizar os atravessamentos da pobreza e da extrema pobreza na constituição das identidades juvenis.

Ementa: Desnaturalizando algumas concepções de pobreza; pobreza como fenômeno multidimensional; juventudes e pobreza; pobreza e condição juvenil.

Metodologia: Oficina de leitura criativa com produção de fanzine usando técnicas de recorte e colagem; análise das produções juvenis em forma de roda de conversa.



Começamos esse movimento com a apresentação dos mediadores e dos objetivos do encontro. Na sequência, organizamos os jovens participantes em grupos de trabalho, segundo afinidades e interesses. Distribuímos o material de apoio (jornais e revistas impressos, folhas em branco, lápis de cor, canetinhas coloridas etc.). Os sujeitos foram provocados a produzir fanzines, utilizando-se de técnicas de recorte e colagem.

Figura 4 – Leitura criativa com recorte e colagem



Fonte: Acervo particular dos autores.

Na etapa seguinte, recebemos, afetivamente, os jovens participantes e dialogamos, de maneira aberta e direta, acerca de suas produções.

ALGUNS OLHARES E DIZERES...

Ao compartilharem suas compreensões sobre pobreza e desigualdades sociais, constatamos que as juventudes participantes da pesquisa têm consciência dos percursos que as empobrecem, como vemos em algumas enunciações: “Minha vó chegou aqui, vinda da Bahia, e foi trabalhar em casa de família; não teve condições de estudar. Minha mãe trabalha pros outros, também...fico pensando [pausa] no que eu vou fazer da vida pra mudar isso” (Aluna, 2022).

[...] com 14 anos você entra no menor aprendiz, com 17 você faz um estágio; pra quem é de ‘pele mais clara’. Eu sou uma pessoa que desde sempre tentei e nunca consegui. As únicas oportunidades que apareceram para mim foram as que eu já citei e o tráfico de drogas, uma coisa que eu poderia ter escolhido e não escolhi, mas isso é por caráter. Eu sempre tive um sonho e quero realizar; só que, por mais que seja fácil essa vida [pausa], porque é fácil ser olheira, ser mulher de vagabundo [...] mas querendo ou não você suja sua imagem, suja seu nome; você não é mais uma pessoa de respeito e, com essa falta de oportunidade, você não consegue nada: além de não conseguir nada pelo bairro, não consegue nada pela sua cor. Então, se você entra nisso, só piora a situação (P., 2022).

OUTRAS ENUNCIÇÕES...

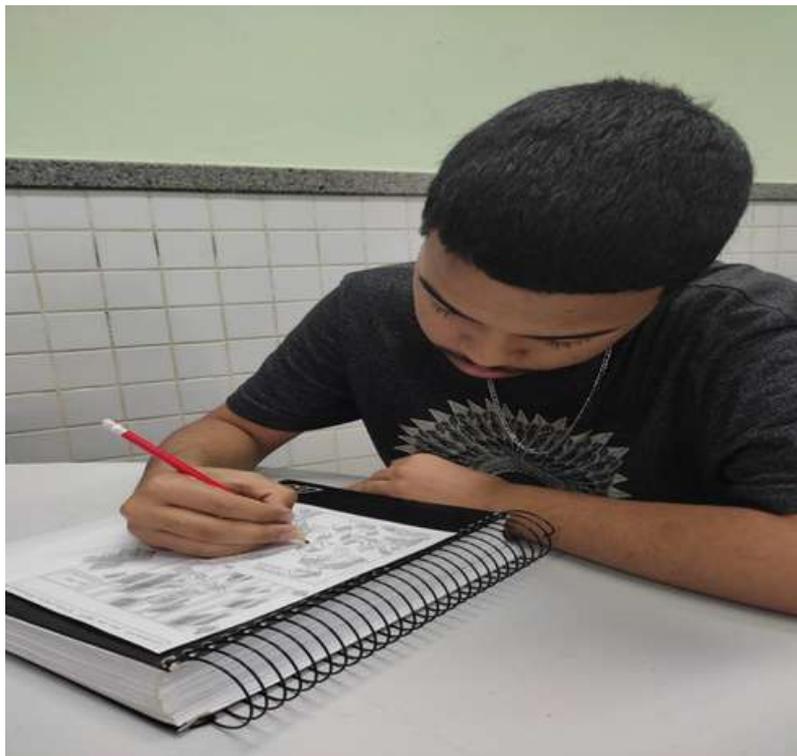
Figura 5 – Recortes do cotidiano vivido



Fonte: Acervo particular dos autores.

NAS MÃOS DO ARTISTA...

Figura 6 – Desenhando parte do que sofremos



Fonte: Acervo particular dos autores.

A ARTE VIRA DENÚNCIA.

Figura 7 – Você sabe com quem está falando?



Fonte: Acervo particular dos autores.

“Tem gente muito inteligente nessa escola, tem gente que desenha muito bem, que cria, mas não é valorizada aqui, não existe investimento nessas pessoas” (Aluna, 2022); “Na maioria das vezes é aquela coisa: você chega, senta, escuta, escuta, escreve, escreve e vai embora (pausa) é o mecanismo, cara!” (Aluna, 2022); “Tinham que valorizar mais os nossos talentos, por exemplo, o cara que desenha... vamos explorar o talento do menino, o K. faz rima, vamos explorar a rima do K., entendeu?” (Aluna, 2022).

NAS MÃOS DA MENINA, A ESCRITA TAMBÉM DENUNCIA!

Figura 8 – Violentada por quem deveria cuidar

AOS 13 ANOS FUI ABUSADA,
QUEM ERA PARA ME PROTEGER
ME MACHUCOU O SANGUE
QUE CORRRIA NA VEIA DELE
CORRIA NA MINHA.
NÃO ADIANTA MATAR
NÃO ADIANTA BATER
O QUE ELE FEZ COMIGO
NUNCA VOU ESQUECER,
ATÉ HOJE CHORO E
LEMBRO QUE O
MEU PRÓPRIO PAI
FEZ COMIGO.
E ATÉ HOJE
SOU CULPADA POR
ISSO.

Fonte: Acervo particular dos autores.

4º EIXO TEMÁTICO

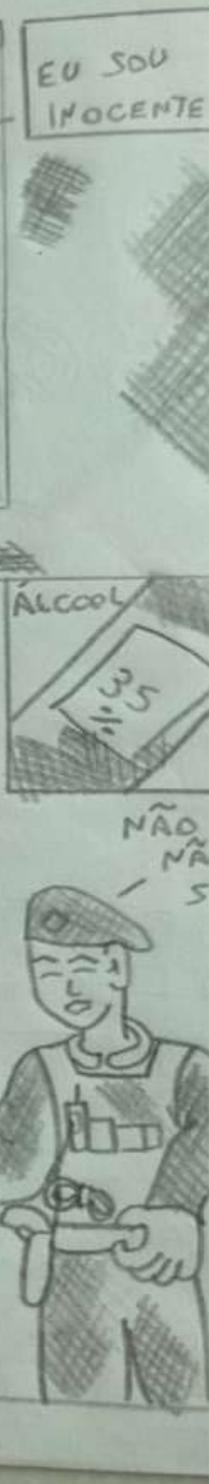
JUVENTUDES E POBREZA: TENSÕES E INTENÇÕES

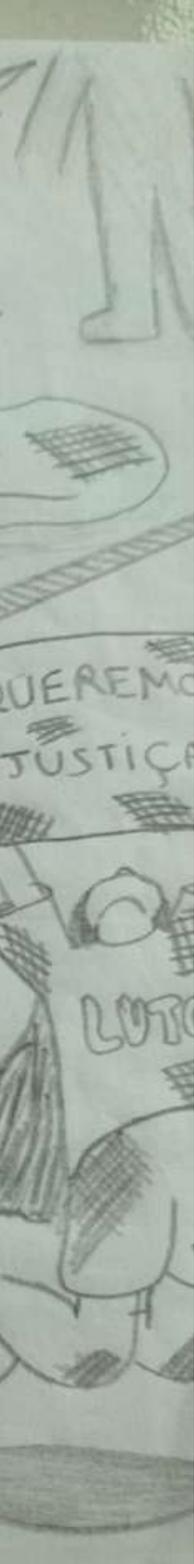
Mediador: Jhon Conceito – ativista ligado ao Slam e produtor cultural.

Objetivos: Compreender os atravessamentos da condição empobrecida nos modos de vida juvenis; pensar estratégias de aproximação com as juventudes empobrecidas; problematizar as concepções correntes acerca das sociabilidades juvenis em contextos empobrecidos.

Ementa: Culturas juvenis e pobreza; juventudes empobrecidas e culturas juvenis; sociabilidades juvenis e contextos empobrecidos.

Metodologia: Mediação da literatura periférica (Slam e poesia marginal).





Começamos as atividades concernentes a este eixo com a recepção afetiva dos jovens participantes, apresentação do mediador e uma breve explanação acerca dos objetivos propostos e da metodologia adotada. Jhon Conceito contou um pouco da sua trajetória pessoal, apresentou algumas características do Slam e da poesia marginal de maneira dialogada e descontraída. Recitou poemas do seu livro *Poesia dá cadeia* e sorteou alguns exemplares entre os participantes. Na sequência, organizou os jovens em pequenos grupos e conduziu a oficina.

O Slam configura-se como uma batalha de poesias faladas, de caráter autoral e sem o auxílio de adereço ou acompanhamento musical (Freitas, 2020). Embora algumas características variem conforme os contextos particulares, geralmente são poesias que partem da realidade social periférica, denunciando diferentes problemáticas vividas pelos sujeitos nesses espaços. Nasceu nos meados dos anos 1980, em Chicago, e espalhou-se pelo mundo, alimentando uma atmosfera contracultural e servindo de linguagem pela qual os sujeitos empobrecidos, principalmente jovens, fazem suas denúncias.

Figura 9 – Vivências a partir do Slam



Fonte: Acervo particular dos autores.

O Slam vem crescendo no contexto capixaba e tem se configurado como um importante espaço para a manifestação das culturas juvenis, sobretudo nos contextos empobrecidos. No vídeo abaixo, temos a etapa final do Slam Interescolar Capixaba, realizado no teatro Sônia Cabral, em 2022, na capital, Vitória.

Vídeo 6 – Slam capixaba



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uZChESGW5II>

A poesia de Jhon Conceito denuncia as vivências das comunidades periferias com questões como violência, racismo, homofobia e questiona as desigualdades sociais e os privilégios.



“POW, VIADO, DEIXA O CARA FALAR...”

Hoje eu acordei com um barulho na rua,
meu coração foi tomado de adrenalina pura.
Um otimismo equivocados me dizia
que talvez fosse um som de alegria.
A curiosidade falou mais alto que o otimismo,
uma multidão, uma preocupação cheia de cinismo,
uma vida perdida.
Não conhecia o cara, se tinha alguém à sua espera.
Só sei que com o corpo ensanguentado,
ele encontrou forças, mesmo perfurado.
Se arrastou até a porta de uma igreja,
seu último ato foi confessar seus pecados.



Sou jovem, sou diferente dos iguais
Sou melhor do que posso
Mas nem quando penso, o pensamento é um avanço
Pode ser fácil pro branco e difícil pro preto
Pros pretos são mortes; pros brancos são “mentes”
A escola fala que ensina, mas a rua ensina mais...
Do gueto vem o preto, das favelas vêm o futuro
As crianças brincam na rua
Sem serem atingidas por bala perdida
As mães ficam tranquilas,
Pretos com carro do ano e roupa da moda
Sem olhares estranhos...

Fonte: Acervo particular dos autores.

FALAR DE AMOR TAMBÉM PODE!

Quero ser seu aspirador de pó
Respirar sua poeira
Se você gosta de café quente
Quero ser sua xícara
Você é que manda, querida
Eu só quero ser sua...

Fonte: Acervo particular dos autores.

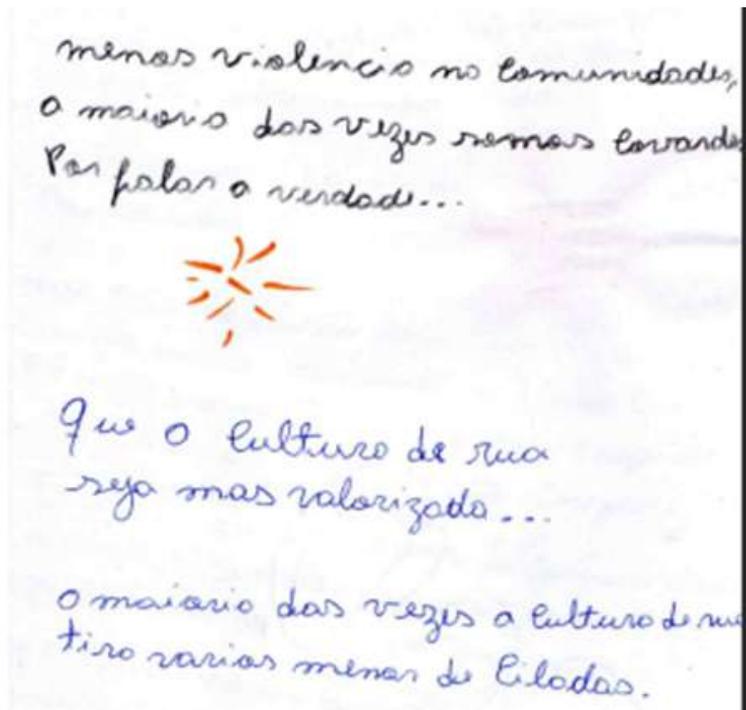
Figura 10 – (Des)construção



Fonte: Acervo particular dos autores.

“CARAMBA, MANÉ, MANDOU BEM...”

Figura 11 – Minha escrita, meu grito



Fonte: Acervo particular dos autores.

[...] o reconhecimento e a apropriação das realidades vividas pelas juventudes presentes na escola podem ser passíveis de serem articulados com os conteúdos, cooperando para que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos em meio às atividades, tornando-as mais atraentes (Ávila, 2016, p. 58).

5º EIXO TEMÁTICO

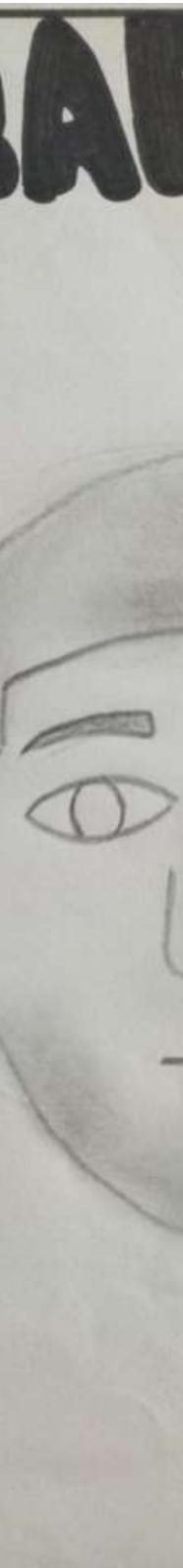
JUVENTUDES, EDUCAÇÃO ESCOLAR E POBREZA

Mediador: Flávio Gonçalves de Oliveira – professor de Filosofia no ensino médio e mestrando do PPGMPE/CE/Ufes.

Objetivos: Dialogar com os jovens acerca de suas experiências escolares; analisar como a pobreza e a extrema pobreza são compreendidas nos espaços/tempos escolares; problematizar as imagens estereotipadas ainda presentes na escola acerca das juventudes empobrecidas.

Ementa: Juventudes empobrecidas e escolarização; culturas juvenis e educação escolar; vivências com a pobreza e práticas escolares.

Metodologia: Roda de conversa sobre o papel da educação na constituição dos jovens e relatos de experiências juvenis com a escola.



No intuito de pensar a relação entre juventudes empobrecidas e educação escolarizada, debruçamo-nos sobre as perspectivas juvenis acerca das instituições escolares e dos processos de escolarização que atravessam os jovens, problematizando as tensões e as contradições presentes na relação da escola com as expressões de culturas juvenis que nela transitam. Na primeira, elaboramos uma atividade denominada “cartografia das vivências escolares”, em que os jovens foram convidados a produzir breves relatos escritos acerca de suas vivências escolares, elencando aspectos marcantes e experiências negativas.

“Eu vejo a escola como um campo de treino para a vida adulta, pois temos que nos socializar com pessoas novas e aprender a ficar cumprindo ordens de um superior” (G. B. V., 2022).

“Eu vejo a escola como um lugar que não podemos expressar quem realmente somos, sem que haja julgamentos” (R. O. S., 2022).

“Escola para mim é uma porta para o futuro, mas se torna prisão a partir do momento em a pessoa não tem interesse em estar nela” (C., 2022).

No encontro seguinte, realizamos uma roda de conversa para a análise crítico-compreensiva acerca das vivências juvenis com a escola e a escolarização. Nessa etapa, fizemos somente as intervenções absolutamente necessárias, para que os jovens se sentissem seguros e encorajados a compartilhar seus enunciados sem serem sentenciados por antecipação.

POR ENTRE “AULAS E PALESTRAS”, O QUE OS ENUNCIADOS NOS DIZEM?

A composição evidenciou que os jovens reconhecem a importância da escola como instituição social revestida da responsabilidade de ensinar e necessária à formação para a vida em sociedade. Entretanto, percebem a ausência de espaços para a manifestação de saberes e conhecimentos mais conectados à realidade juvenil contemporânea, o que acaba esvaziando a escolarização de seu sentido presente e contribuindo para o suposto desinteresse pelo que é ensinado.

[...] mano, tipo assim: a escola fala muito da gente, mas não fala com a gente; tem muita diferença, tá ligado? A gente tem pouca participação, entende? (Aluno, 2022).

Os enunciados falam, ainda, de processos escolares preocupados com a transmissão de um conhecimento fragmentado e desconectado da realidade social e cultural que atravessa as juventudes empobrecidas. Isso porque não considera seus contextos de vida, partindo do princípio de que as vivências juvenis não são importantes. Questões relacionadas com a pobreza, violência, racismo, falta de oportunidades para os jovens no mercado de trabalho, entre outras, não são abordadas frontalmente pela escola e, quando são tratadas, limitam-se a ações isoladas em um ou outro momento ou em forma dos chamados “projetos”, com tempo determinado para acontecer, mas que não se configuram como parte da cultura escolar. Nesse sentido, temos uma escola desconectada da vida cotidiana que acaba negando as experiências desses jovens empobrecidos.

Esse tipo de educação desfavorece a gente; está formando pessoas para não tirar eles do poder; se você sabe muito, você tira quem tá lá em cima, se você não sabe nada, 'cê' continua aqui embaixo, se submetendo a qualquer coisa que tiver de fazer (Aluna, 2022)

Durante as composições realizadas neste eixo, os sujeitos requisitaram processos de escolarização que dialoguem com seus saberes e conhecimentos e que estejam abertos ao reconhecimento das culturas juvenis como experiências possíveis e representativas. Querem espaços/tempos escolares que “falem com os jovens” e não somente “falem dos jovens”. Pontuar que a escola “não fala com os jovens” é trazer à tona o distanciamento, cada vez mais latente, das problemáticas cotidianas que atravessam a experiência de juventude.

“Mano, às fico aqui pensando [pausa] no que eu vou fazer com algumas coisas que a gente é obrigado a aprender na escola” (Aluna, 2022).

“Cara, tipo assim: eu, por exemplo, gosto de arte e queria aprofundar, mas na escola não tem nada que me interessa nesse campo” (Aluna, 2022).

“Verdade, nem ‘pra’ arte, esporte, essas paradas, aí, que tem mais a ver com a gente” (Aluno, 2022).

“É igual educação sexual, eu acho muito importante ter na escola esse tipo de educação” (Aluna, 2022).

“Tem coisas que estão faltando, coisas que eu acho muito importante e a gente não sabe, por exemplo, a gente não sabe nada sobre a economia e isso deveria sair de dentro da escola” (Aluna, 2022).

Em várias situações, a experiência escolar é representada como “prisão” ou um lugar onde “não se pode fazer nada”.

Figura 12 – Sinto-me prisioneiro



Fonte: Acervo particular dos autores.

Deparamo-nos, ainda, com compreensões de escolarização como uma experiência que “sufoca” os jovens.

Figura 13 – Sufocado



Fonte: Acervo particular dos autores.

6º EIXO TEMÁTICO

CULTURAS JUVENIS E EDUCAÇÃO ESCOLAR

Mediador/a: Abelar Nagil – artista visual, grafiteiro e também arte-educador e professora Dr.^a Renata Simões Duarte (orientadora da pesquisa).

Objetivos: compreender as especificidades das culturas juvenis nos contextos empobrecidos; dialogar com algumas manifestações culturais produzidas pelos jovens; inserir manifestações de culturas juvenis como estratégias pedagógico-educativas.

Ementa: Culturas juvenis e contextos empobrecidos; culturas juvenis e educação escolarizada; saberes jovens e educação.

Metodologia: Oficina de técnicas de grafite com experimentação prática em parede lisa.



Comumente, as juventudes que se constituem a partir de contextos empobrecidos e de dinâmicas periféricas enfrentam percursos de silenciamento e de negação de suas práticas culturais e modos de vida. A escolarização, em larga medida, quando marcada pelo expressivo caráter institucional, reforça esse processo de invisibilização das culturas juvenis que transitam na escola, reproduzindo relações de silenciamento. Tal postura reduz o potencial criativo das juventudes e o conforma ao que é previsto pela institucionalidade.

Considerando que as juventudes que transitam na escola são sujeitos culturais, insistimos que essas práticas culturais podem ser um caminho efetivo e produtivo, uma vez que envolvem os sujeitos naquilo que eles têm domínio e, além disso, trazem para o campo da valorização saberes e conhecimentos que são significativos nas sociabilidades juvenis. Nesse sentido, o grafite, como importante ferramenta cultural na periferia, configura-se como uma forma de mediação capaz de nos colocar em contato com esses saberes da experiência muito presentes nas culturas e sociabilidades juvenis.



As atividades desse eixo perpassam dois momentos: em sala de aula, exibição de um breve audiovisual sobre o grafite e algumas elucidações teórico-conceituais acerca dessa prática, além de algumas orientações didáticas sobre a atividade prática; no segundo momento, já em campo, procedemos às técnicas de grafite e à experimentação prática em parede lisa. Destacamos que essa intervenção foi a culminância da pesquisa-ação.

Figura 14 – Aprendendo sobre grafite



Fonte: Acervo particular dos autores.

O grafite é uma linguagem que envolve os jovens, dialoga com seus contextos de vida e é uma importante expressão cultural em contextos empobrecidos. Adotá-lo como estratégia educativa pode ser uma ferramenta muito eficaz no engajamento das juventudes que transitam na escola.

Figura 15 – Vai começar a brincadeira



Fonte: Acervo particular dos autores.

Além do caráter transgressor e de denúncia associado a essa prática, com essa experiência trabalhamos, também, valores como colaboração mútua, responsabilidade, construção coletiva do conhecimento, capacidade de ouvir o outro e tomada de decisão.

Figura 16 – “Experimentantes”



Fonte: Acervo particular dos autores.

A descontração, o acolhimento ao outro e a construção de novos laços são experiências, destacadamente, compartilhadas durante a prática.

Figura 17 – Olhares



Fonte: Acervo particular dos autores.

Como, nesse momento, o caráter institucional da escolarização acaba sendo secundário, os jovens se sentem mais livres e seguros para falar de suas próprias vivências, enquanto a arte vai sendo construída.

Figura 18 – Mano, só abservo



Fonte: Arquivo particular dos autores.

Barbosa (2003) afirma que práticas artísticas potencializam o desenvolvimento da percepção e da imaginação.

Figura 19 – Olha as “mina”, véi



Fonte: Acervo particular dos autores.

O grafite pode ser uma experiência que reconfigura os espaços/tempos escolares na perspectiva das culturas juvenis e de uma *Pedagogia das Juventudes*.

Figura 20 – Elas por elas



Fonte: Acervo particular dos autores.

A escolarização, quando marcada pelo expressivo caráter institucional, reforça o processo de invisibilização das culturas juvenis que transitam na escola, reproduzindo relações de silenciamento. Práticas culturais podem ser uma ponte entre a escola e os jovens, pois trazem para o campo da valorização saberes e conhecimentos que são significativos nas sociabilidades juvenis. O grafite, como importante ferramenta cultural na periferia, é uma forma de mediação que pode ser aproveitada na escolarização de jovens, pois está muito presente nas culturas e sociabilidades juvenis, sobretudo nas periferias.

Vídeo 7 – Vozes que vêm da rua

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bf3ut6wWRS8>

PARA APROFUNDAMENTO

O documentário *Vozes que vêm da rua* aborda a importância do grafite na socialização de jovens periféricos.

Compartilhamos, na sequência, as composições produzidas pelos participantes, partindo de técnicas de grafiteagem. O primeiro trabalho foi confeccionado por estudantes da Turma 1M4, turno matutino, da EEEFM Saturnino Rangel Mauro, e o segundo foi elaborado pelos jovens da 3ª série da mesma unidade escolar.

Figura 21 – Composição dos/das estudantes da 1ª série



Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 22 – Composição dos/das estudantes da 3ª série



Fonte: Acervo particular dos autores.

A capacidade transformadora da arte em contato com as realidades destes sujeitos possibilita observar práticas educativas, que utilizam o grafite como ferramenta de conhecimento e expressão. Proposições para a realidade contemporânea denotam ter mais integração, mais participação, além da socialização dos conhecimentos – que, partindo do contexto oferecido pelas relações sociais historicamente construídas, podem promover a humanização das escolas e alimentar o engajamento em uma sociedade que cede à homogeneização (Henckemaier, 2016, p. 142).

PARA NÃO CONCLUIR...

Inspirados em Larrosa Bondía (2002), fazer-viver-sentir a pesquisa é uma experiência que nos passa, nos acontece e nos toca. Uma máxima atribuída a Heráclito de Éfeso, filósofo pré-socrático que viveu entre 540 a. C e 470 a. C, afirma que não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, pois, na segunda, o rio já não é mais o mesmo e nem aquele que se banhou é a mesma pessoa.

Esse sempre-professor que, agora, experimenta ser pesquisador, não é mais o mesmo. Toda experiência, de certa forma, afeta, inquieta, provoca e modifica. As vivências que compartilhamos com os jovens no percurso desta pesquisa, além do conhecimento produzido sobre juventudes e culturas juvenis em espaços/tempos de educação formal, nos humanizam profundamente. É exatamente um pouco dessas vivências humanizantes que tentamos compartilhar neste produto educacional.



A pesquisa-ação que constituímos com os jovens pauta-se, essencialmente, no caráter colaborativo e participativo, configurando-se como uma construção coletiva. Assim, o produto educacional dela resultante precisa ser lido e interpretado nessa perspectiva: um trabalho tecido por muitas e diferentes mãos, por sujeitos e interesses plurais que, nos espaços/tempos da EEEFM Saturnino Rangel Mauro, se encontram, se acolhem e compartilham suas problemáticas; mas, também, suas vidas, sonhos, objetivos, experiências, modos de vida, culturas. O que agora apresentamos é um singelo recorte de tantas sensações vividas, sentidas, experimentadas.

Durante a realização deste produto, com fundamento no que denominamos movimentos culturais, observamos, a princípio, a abertura dos jovens em relação à pesquisa, principalmente no que diz respeito às suas vivências cotidianas, aos espaços constituídos para a problematização empática das diferentes realidades juvenis, sobretudo as marcadas pela pobreza, pelas violências e pelas diversas formas de precarização da vida, que negam aos jovens o direito de ser e viver em liberdade e com autonomia. Destacamos, ainda, o envolvimento desses sujeitos nas atividades propostas, trazendo questionamentos e compartilhando as experiências vividas em contextos, por vezes, precários e desiguais.



Notamos, também, a necessidade de oportunizarmos aos coletivos juvenis que transitam nas escolas, principalmente naquelas situadas em bairros periféricos, experiências escolares que dialoguem com as realidades vivenciadas pelos jovens, partindo de uma escuta empática e sensível, sem sentenciá-los, antecipadamente.

As juventudes empobrecidas que transitam nos contextos escolares requisitam da escolarização o reconhecimento da condição de sujeitos de conhecimento, de culturas, de modos de vida e de maneiras possíveis de interpretar o mundo. Esse tempo de diálogo entrecruzando prática docente e pesquisa acadêmica desperta outros olhares para os jovens que estão na escola: muito além de alunos/as, matriculados/as em determinada série, são pessoas conectadas às problemáticas do tempo presente, tensionando para que as instituições escolares façam o mesmo.

Das diversas questões evidenciadas durante a pesquisa, sobretudo nas rodas de conversas, percebemos um envolvimento maior nas temáticas que impactam diretamente a condição juvenil, como violências, precarização das experiências com o trabalho, envolvimento com dinâmicas ilícitas, preconceitos, pressão social e familiar, entre outras. Os sujeitos nos falam de uma juventude atravessada por esses dilemas contemporâneos que lhes causam sofrimentos, fragilizam suas vivências e colocam em risco suas escolhas (presentes e futuras).

Essas questões nem sempre aparecem como objetos da prática docente e, em grande parte, não são contempladas nos processos escolares, gerando insatisfação e desinteresse por aquilo que a escola entende como relevante. Destacamos, ainda, que parte das problemáticas que atravessam e fragilizam a condição juvenil é originária da pobreza, entendida como fenômeno histórico-social, que afeta milhares de pessoas ao redor do mundo, multifacetada em diferentes formas de negação de direitos e de precarização da vida.



Dentre os coletivos empobrecidos, está uma parcela considerável da juventude brasileira que não pode ser culpabilizada por sentenças imediatistas ou ser responsabilizada superficialmente por possíveis fracassos. Acerca dessa particularidade, identificamos que o debate sobre pobreza e extrema pobreza não está frontalmente contemplado nas práticas escolares, limitando-se, quando existe, à problematização rasa das vulnerabilidades que atingem as juventudes empobrecidas, sem tocar nas questões estruturais do problema.

No que tange à relação entre jovens e escola, percebemos que as mediações que se constituem à base de práticas fundamentadas nas expressões de culturas juvenis podem se configurar como recursos importantes de diálogo com os jovens. Tais estratégias, além do dinamismo e fluidez característicos das juventudes, possuem grande capilaridade entre esses sujeitos, uma vez que são espaços que abarcam diferentes saberes e conhecimentos que estão presentes nos modos de vida que são peculiares a esses sujeitos. Notamos que, quando os jovens são desafiados a demonstrar aquilo que sabem, há um maior envolvimento no que é proposto.



Finalmente, consideramos que as experiências constituídas na tênue linha entre pesquisa e prática docente podem ampliar o debate acadêmico sobre juventudes, culturas juvenis, escolarização e os contextos sociais de jovens que chegam às escolas atravessados pela pobreza e que, em grande parte, são vistos como sujeitos desinteressados, apáticos e indisciplinados. Ampliar o olhar problematizador acerca de tantas realidades que negam às juventudes o direito de ser e viver em liberdade e autonomia também é pedagógico e educativo.

Fizemos uma aposta no potencial criativo, inventivo e subversivo das juventudes que transitam na escola. Dialogamos, abertamente e sem sentenças, com seus modos de vida e suas elaborações simbólicas. Ouvimos muito mais do que propriamente falamos. Acolhemos e buscamos compreender o sentido de cada representação e enunciado que os sujeitos, por diversas linguagens, iam compartilhando no decurso da pesquisa. Acreditamos que essa aposta foi bem-sucedida e saímos dela afirmando que é, sim, possível estabelecer outras relações com os jovens nos contextos escolares, sobretudo nos empobrecidos. Esperamos que aqueles e aquelas que acessarem nossa pesquisa e nosso produto educacional se sintam provocados e provocadas a desbravar outras tantas possibilidades que a ação educativa nos oferece.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

AMARAL, M. F. **Culturas juvenis e experiência social: modos de ser jovem na periferia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

AMARAL, M. F. **Jovens de periferia e arte de construir a si mesmo: experiência de amizade, dança e morte**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ARROYO, M. **Imagens quebradas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

ARROYO, M. G. Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional. In: ARROYO, M.; SILVA, M. R. (org.). **Corpo infância: exercícios tensos de ser criança, por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ARROYO, M. G. Pobreza e currículo: uma complexa articulação. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Material didático Curso de Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social: Módulo IV** [Recurso eletrônico online]. Brasília, 2015.

AVILA, F. S. **No fluxo da batida: a cultura juvenil do funk circulando em uma escola pública de Santa Maria/RS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BAUER, M. W; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BORELLI, S. H. S. *et al.* **Cultura como vetor de proteção**: protagonismo de crianças e adolescentes. São Paulo: Educ, 2019.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Diário Oficial da União**, Brasília, Df., 26 ago. 2013.
- CAMACHO, L. M. Y. A invisibilidade da juventude na vida escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 325-343, jul./dez. 2004.
- CARARO, M. F. **O programa mais educação e suas interfaces com outros programas sociais federais no combate à pobreza e à vulnerabilidade social**: intenções e tensões. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- CARNEIRO, C. B. L. **Programas de Proteção Social e Superação da Pobreza**: concepções e estratégias de intervenção. 2005. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- CARRANO, P. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CÉSAR MC. Part. CRYSTAL. **Canção infantil**, 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cesar-mc/cancao-infantil/>. Acesso em: 20 set. 2023.
- CODES, A. L. M. **A trajetória do pensamento científico sobre pobreza em direção a uma visão complexa**. Brasília: Ipea [Texto para discussão nº 1332]. 2008.

DAYRELL, J. T. O jovem como sujeito social. **Revista da Faculdade de Educação**. Universidade Federal de Minas Gerais, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez., 2003.

DAYRELL, J. T. Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. A. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DAYRELL, J. T. (org.). **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

DAYRELL, J. T. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J. T.; MOREIRA, M. I. C.; STENGEL, M. **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

DAYRELL, J. T. Juventude e escola. In: SPOSITO, M. (org.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009. p. 57-126.

DAYRELL, J. T.; CARRANO, P. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. **Ensino Médio em Diálogo**, [s. l.], Observatório Jovem, 2003.

DUARTE, N. S.; YANNOULAS, S. C. O percurso escolar da população em situação de pobreza. Trabalho apresentado na **34ª Reunião Anual da Anped**. Natal/RN, 2011.

FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

FREITAS, D. S. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 59, 2020.

GATTI, B; ANDRÉ, M. A. D. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 30-31.

GROPPO, L. A. **Juventudes: sociologia, cultura e movimentos**. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2016.

GROPPO, L. A. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista do COGEIME**, Piracicaba, v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004.

GROPPO, L. A. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul. 2015.

HENCKEMAIER, L. I. Educação pela arte do grafite em uma escola pública: uma proposta de participação. **Educação, Artes e Inclusão**, v. 12, n. 2, p. 141-157, 2016.

MATTEI, L. A pobreza e suas interfaces multidisciplinares. In: GARCIA, A. V *et al.* (org.). **Reflexões sobre a pobreza: concepções, enfrentamentos e contradições**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, v. 1, p. 23-80, 2007.

MELUCCI, A (org.). **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, T. S. **Uma análise multidimensional da pobreza no estado do Maranhão nos anos 2000 e 2010**: construção do Índice de Pobreza Municipal para o Maranhão (IPMM). 2013. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, p. 139-165, 1990.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PIMENTA, S. G; FRANCO, M. A. S. (org.). **Pesquisa em educação**: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Rio de Janeiro: Edições Afrontamento, 1995.

TELLES, V. S. Pobreza e cidadania : dilemas do Brasil contemporâneo. **Cademo CRH**, Salvador, n. 19, 1993.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

YAZBEK, M. C. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 110, jun. 2012.

APÊNDICE A

GALERIA DE FOTOS

Figura 23 – Temos orientadora que vai a campo



Fonte: Facebook de Renata Simões.

Figura 24 – Primeiras conversações



Fonte: Acervo de Flávio Gonçalves.

Figura 25 – Aquela sala



Fonte: Acervo particular de Flávio Gonçalves.

Figura 26 – Foi nesta escola



Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 27 – Bate-papo sobre juventudes e periferia



Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 28 – Composição de leitura criativa mediada pelo ativista cultural Stell Miranda



Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 29 – Bate-papo sobre poesia marginal com o ativista cultural Jhon Conceito



Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 30 – “Spryando”



Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 31 – Grafiteiros



Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 32 – Composições juvenis



Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 33 – Um pouco mais de nós



Fonte: Acervo particular dos autores.

UMA PESQUISA E MUITAS MÃOS

Temos consciência de que nossa pesquisa foi feita, também, pelas mãos das pessoas que colaboraram financeiramente para o custeio dos materiais utilizados e para a ajuda de custo aos que estiveram conosco mediando as atividades culturais (literatura periférica, Slam e grafite). Gostaríamos de registrar nossa gratidão pelo gesto de acolhida e apoio. Nosso muito obrigado a:

- Adriana Lourenço – professora
- Antônio Barbosa – professor
- Carlos Américo – professor
- Eliete Brito – professora
- Emanuel Vieira – professor
- Emiliana Amorim – professora
- Fabrisa Leite – professora
- Flávia Induzzi – diretora escolar
- Isabel Cristina – professora
- Israel Bayer – professora
- Karoline Mandelli – ex-aluna no ensino médio
- Marlene Cararo – professora universitária
- Raniella Leal – ex-aluna no ensino médio
- Renata Simões – orientadora da pesquisa

**[...] Cultivar o deserto
como um pomar às avessas:
então, nada mais
destila; evapora;
onde foi maçã
resta uma fome
onde foi palavra
(potros ou touros
contidos) resta a severa
forma do vazio [...].**

**João Cabral de Melo Neto
Psicologia da composição (parte VIII).**